



## Crônicas

### Consciência negra: racismo velado por trás da chegada de um terreiro em uma comunidade

Coordenadoria Ecumênica de Serviço

Há aproximadamente dois anos, quando a ialorixá Jô Brandão de Nanã se mudou para um novo bairro de São Luís (MA), ela estava em busca de um espaço em que pudesse construir seu terreiro, celebrar seus ritos espirituais e festividades, receber seus filhos e também outras pessoas da comunidade.

Apesar de ter escolhido a localidade por orientação de seu orixá, Jô resolveu se mudar para lá antes de, de fato, iniciar a construção. Para ela, a convivência prévia com as pessoas que já viviam ali era algo indispensável à existência do terreiro naquela comunidade, principalmente para quebrar barreiras que a mãe de santo não tinha dúvidas de que teria de enfrentar.

E este não foi um processo rápido: passaram-se 18 meses até que ela se sentisse segura e confiante o suficiente para dar o próximo passo. No início, ela era apenas conhecida como “a moça de turbante”, “a mulher que só anda de branco” ou “com um monte de gente de branco atrás”. Jô só passou a receber a visita de agentes comunitários de saúde quando tomou a iniciativa de buscá-los e exigir seu direito.

“Eu queria entender essa comunidade primeiro, saber das relações, dos conflitos. Me relacionar com as pessoas para que elas pudessem nos conhecer e aceitar. Não queria que fôssemos vistos como algo secreto. Era um processo de desconstruir convivendo. Esse processo conjunto faz com que a comunidade sinta o terreiro como parte da comunidade. Não como algo externo que chega e que é responsabilidade só minha”, conta Jô.

Hoje ela diz vivenciar uma relação que considera boa com seus vizinhos e vizinhas, mas ressalta que é inevitavelmente uma pessoa observada. As pessoas da comunidade já entendem, por exemplo, que a ialorixá tem uma relação diferenciada com natureza, de respeito com os seus ciclos, e compreendem o porquê de ela ser contra queimadas e se empenhar para manter limpo o rio, por exemplo, entre outras coisas.

Jô foi instruída pelo seu orixá para que seu terreiro fosse instalado naquele território e assim o fez. Mas entendeu que para que esse objetivo fosse cumprido, ela precisaria ser aceita pela comunidade antes de qualquer coisa. Criar vínculos com essas pessoas. Esse foi o meio que ela encontrou para tentar evitar algum tipo de intimidação, hostilização ou caso mais grave de racismo religioso no futuro. Um processo lento, porém, necessário.

Esta é uma história cirurgicamente marcada pelo racismo desde a sua origem. E cabe ressaltar: atualmente, a obra está em fase de planejamento. Portanto ainda nem é possível garantir que a ordem dos fatores irá, de fato, alterar os resultados. E é aqui que devemos nos perguntar: quantas igrejas são possíveis imaginar já terem passado por algo parecido? Quantos pastoras(es), padres, bispas precisaram se dedicar durante um ano e meio de suas vidas apenas a construir uma boa relação com as pessoas de uma comunidade antes de instalar seus templos ali por medo de serem agredidas(os) de alguma forma em um momento posterior? Para Jô, não há coincidências neste processo.

“A Igreja é vista naturalmente como o lugar da salvação. Quando ela chega nas comunidades, ela é bem-vinda. É chamada para isso. Para as pessoas, o terreiro representa ‘o negativo chegando no nosso espaço’. É algo ‘obsuro, feitiçaria, coisa do diabo’”, afirma. E este é apenas um aspecto do racismo velado que marca a trajetória de Jô e tantas outras pessoas vítimas de uma estrutura social apodrecida e racista. Um racismo igualmente cruel e adoeceador.

Apesar da violência policial, por exemplo, ser um aspecto mais evocado nas discussões sobre racismo – por conta da sua gravidade, fatores como a truculência, a constância, a contradição entre uma atuação que deveria representar o estado, responsável por proteger as mesmas pessoas que de maneira recorrente se tornam suas vítimas – existem aspectos desse mesmo racismo que não são percebidos de maneira tão imediata.

### O racismo religioso velado

Não é obra do acaso que as religiões mais discriminadas sejam a de povos que projetam com orgulho a sua espiritualidade divergente da lógica eurocêntrica do cristianismo; muito menos que sejam as religiões que encontram sua origem no continente africano. Para Jô, essa é a definição do racismo religioso, que, na sua essência, também tem um recorte relacionado a grupos étnicos.

“Os tempos de colonização estabelecem uma referência do que é aceitável como prática religiosa. Tudo que está fora é um problema. As religiões de matriz africana sofrem o maior impacto do racismo religioso por serem de um continente negro, vítima da colonização da escravização e por serem diferenciadas, terem uma institucionalidade hierárquica diferente, fora do padrão cristão”, explica.

Para além da relação direta do povo de axé com a natureza e seus ciclos, Jô traz um exemplo, na sua avaliação, bastante ilustrador dessas diferenças. “Nós trabalhamos numa perspectiva de evolução espiritual a partir do equilíbrio entre o positivo e o negativo, não da superação, da busca pela ausência de pecado, da santificação como transcendência sobrenatural do aceitável. Obviamente, isso é antagônico a essa perspectiva de santidade. Buscamos o equilíbrio entre dois aspectos que são vistos pela sociedade como moral. Por isso, não é algo bem recebido externamente”, complementa.

## Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso

E esse racismo extrapola do campo das relações espirituais; permeia os pormenores do dia a dia. Segundo Jô, são raros os motoristas de aplicativo que não põem para tocar no rádio uma música gospel em suas viagens, ou mesmo cancelamentos sem justificativa ou justificados com uma evasiva qualquer. “Eles dizem ‘achei que você ia para outro destino. Não tenho como te levar’. Não informam o motivo, mas eu sei que é pelo racismo”.

No campo institucional, é preciso reconhecer o povo de axé para além da sua existência religiosa, enquanto sujeitas(os) de direitos e políticas públicas. Há também um cunho social importante em sua presença nos espaços que atuam, que é política, social e de transformação das comunidades.

“Recebemos mulheres vítimas de violência e as orientamos a buscarem os espaços formais de acolhimento. Na saúde, atendemos pessoas para o cuidado mental, físico. Somos uma comunidade que detém um conhecimento, inclusive sobre ervas sagradas. No aspecto econômico, nós produzimos artesanatos – que não são adquiridos por conta desse racismo. Tudo isso mostra a nossa potencialidade de desenvolvimento local. Quando somos reconhecidas(os) por isso, nos torna sujeitos de políticas públicas. Faz diferença”.

Para Jô, acima de tudo, é preciso que a sociedade reconheça os povos de terreiro enquanto vítimas. “Se não houver isso, corremos o risco de incorrer na ideia de que a superação do racismo seja obrigação e responsabilidade das próprias religiões de matriz africana. Exime os outros de responsabilidade por um processo de discriminação. E esse reconhecimento também é fundamental para elaboração de políticas públicas”, finaliza.

### A CESE na luta antirracista

No mês de novembro de 2023, a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE) contou histórias como a de Jô para jogar luz sobre os casos em que o racismo às vezes pode passar despercebido. Para reforçar a afirmação de que, quando o assunto é racismo, nada é por acaso.

A CESE entende o racismo como gerador de injustiças contra pessoas negras e sempre apoiou movimentos, organizações e grupos deste segmento. Nos últimos 15 anos, foram cerca de 748 projetos apoiados no campo da luta antirracista, beneficiando cerca de 289 mil pessoas com um investimento de 6.8 milhões de reais. No Dia da Consciência Negra, a CESE reafirmou sua [Política Institucional de Equidade Racial](#), na qual foram definidas estratégias para a superação do racismo no âmbito da gestão e ação institucionais.

Disponível em: <https://www.cese.org.br/o-racismo-velado-por-tras-da-chegada-de-um-terreiro-em-uma-comunidade/>.

## Lideranças anglicanas e católicas se encontram em Manaus

Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil

Em 10 de novembro de 2023, foi realizado, em Manaus, um encontro entre lideranças católicas e anglicanas. Na oportunidade, as bispas primazes do Brasil e do Canadá, Marinez Bassotto e Linda Nicholls, respectivamente, junto com bispo Todd Townshend, da Diocese de Huron, e também da secretária-geral da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), Christina Winnischofer, visitaram o cardeal arcebispo da Igreja Católica Apostólica Romana, dom Leonardo Ulrich Steiner, da Arquidiocese de Manaus.

O momento foi de troca de experiências e compartilhamento de esperanças. Mundo afora, as igrejas católica e anglicana desenvolvem, em plena unidade, uma série de trabalhos de cunho diaconal e evangelizador. No encontro em Manaus, essa parceria foi reforçada por meio de diálogos que versaram sobre o cuidado com a casa comum (o planeta Terra).

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Czv4CT4hsXh/>.

## Ministras recebem documento de lideranças religiosas pelo fim do desmatamento na Amazônia

Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil

Representantes dos governos do Brasil, Colômbia e Peru, líderes religiosos e indígenas estiveram reunidos no evento *Religiões em ação por uma Amazônia sustentável*, no dia 6 de agosto, no Hangar Centro de Convenções e Feiras da Amazônia, em Belém. O evento foi promovido pela Iniciativa Inter-Religiosa pelas Florestas Tropicais (IRI).

Na abertura, o reverendo Agnaldo Gomes, diretor de Religiões pela Paz Brasil e membro do conselho da IRI, mencionou que as religiões abriram profundas feridas em negros e indígenas no país, “mas que, em nome da paz, há um esforço conjunto para a implantação da IRI no Brasil como facilitador de um processo de integração e convivência harmônica entre as religiões”.

Os debates foram promovidos pela IRI, que busca mobilizar comunidades de todas as tradições religiosas e espiritualidades, desde as bases até as lideranças, para somar seus esforços à grande coalizão que trabalha para proteger as florestas tropicais, lutar contra as mudanças climáticas, defender os direitos dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais e promover o desenvolvimento sustentável da Amazônia, juntamente com governos, povos indígenas, organizações da sociedade civil, empresas e agências da Organização das Nações Unidas.

Para Carlos Vicente, facilitador nacional da IRI, as lideranças religiosas podem ajudar a criar uma ampla mobilização popular em defesa da Amazônia e sua gente. “Queremos contribuir para fortalecer a mobilização socioambiental que existe nos países”.

Na mesa de debates, Juan Bello, diretor do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente para a América Latina e Caribe, destacou que levou um bom tempo para acontecer um encontro dessa natureza, por isso se tratava de um dia memorável. “Viver em harmonia com a natureza e através da espiritualidade para encontrar um caminho. A Amazônia representa um reservatório da espiritualidade para habitar nesse planeta, por isso, enquanto tivermos essa oportunidade, nós seguiremos acompanhando vocês. Tudo isso tem que ser traduzido em políticas de preservação da natureza. Pensando num futuro de união e sabedoria e harmonia”, afirmou.

Annette Bull, então vice-diretora do Ministério das Relações Exteriores da Noruega, destacou que o país tem investido consideráveis recursos na implantação de políticas públicas para a proteção da biodiversidade e apoio aos povos indígenas nesses 40 anos. “Reforço o compromisso do meu país para um futuro mais sustentável”, completou.

O cardeal da Amazônia, dom Leonardo Steiner, participou do evento de forma virtual e citou uma frase do papa Francisco: “tirem as mãos da Amazônia”. Ele enfatizou a necessidade de diminuir a poluição dos rios por mercúrio e de preservar a fauna e a cultura do povo amazônico.

A Iniciativa Inter-Religiosa pelas Florestas Tropicais tem um conselho consultivo formado por entidades religiosas das mais diferentes tradições e organizações indígenas no Brasil, na Colômbia e no Peru.

Os membros da IRI reconhecem que o desmatamento na Amazônia ameaça a existência das populações locais e da humanidade e que, portanto, é indispensável uma ação decisiva para interromper e reverter esse processo. Por isso, foi criado um documento de compromisso com a Amazônia e apelo à ação pelo fim do desmatamento. Ele foi entregue à ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara, à ministra do Meio Ambiente e Mudanças Climáticas, Marina Silva e à ministra do Meio Ambiente do Peru, Albina Ruiz, que estavam no evento.

Seu objetivo é deter a perda de sua biodiversidade, a degradação de seus solos e fontes de água e as ameaças contra os direitos dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, bem como oferecer condições de vida dignas a essas populações. Ainda segundo o documento, as autoridades devem adotar políticas públicas abrangentes e planos de desenvolvimento sustentável para a Amazônia para alcançar os seguintes resultados: zerar o desmatamento da Amazônia até 2030; fortalecer a governança socioambiental; demarcar as terras indígenas pendentes; destruir os garimpos nas terras indígenas; proteger os povos indígenas isolados contra qualquer tentativa de contato forçado e respeitar a consulta prévia, livre e informada sobre empreendimentos que afetem os territórios indígenas; criar unidades de conservação da biodiversidade prioritárias; dar destinação das terras devolutas segundo critérios socioambientais; implementar uma estratégia transnacional para combater o crime ambiental e o tráfico de drogas na região amazônica; adotar mecanismos eficientes de pagamento por serviços ambientais para comunidades amazônicas e proprietários de terras que conservem e restaurem a floresta; estabelecer um novo padrão de planejamento e execução de projetos de infraestrutura na Amazônia que viabilize o desenvolvimento de uma bioeconomia baseada no uso sustentável da biodiversidade e dos recursos naturais; incentivar o desenvolvimento científico e tecnológico para viabilizar o estabelecimento de uma economia florestal sustentável; e proporcionar acesso a serviços públicos essenciais (saúde, educação, saneamento ambiental, conectividade e segurança pública) de qualidade para a população amazônica, buscando reduzir as graves desigualdades sociais e a pobreza na região.

A Iniciativa Inter-Religiosa destaca ainda que “essas propostas são frutos de décadas de mobilizações sociais, estudos científicos e projetos e ações pilotos bem-sucedidas no bioma em todos nossos países”.

Disponível em: <https://www.conic.org.br/portal/conic/noticias/ministras-recebem-documento-de-liderancas-religiosas-pelo-fim-do-desmatamento-na-amazonia>.

## Papa Francisco: o ecumenismo pastoral é o caminho natural para a plena unidade

Vatican News

O papa Francisco recebeu em audiência, no dia 11 de setembro de 2023, no Vaticano, Sua Santidade Basélios Marthoma Mathews III, Católicos do Oriente e Metropolita da Igreja Ortodoxa Siro-Malankar, e sua comitiva.

Francisco agradeceu a Deus “pelos laços criados nas últimas décadas”. “A aproximação de nossas igrejas, após séculos de separação, começou com o Concílio Vaticano II, ao qual a Igreja Ortodoxa Siro-Malankar enviou alguns observadores. Naquele mesmo período, São Paulo VI se encontrou com o Católicos Basélios Augen I, em Bombaim, em 1964. Agora, sua vinda aqui ocorre no 40º aniversário da primeira visita a Roma de um Católicos de sua querida Igreja, realizada, em 1983, por Sua Santidade Basélios Marthoma Mathews I, a quem três anos depois São João Paulo II visitou na Catedral de Mar Elias, em Kottayam”, disse ainda o papa. “Este ano também marca o 10º aniversário do abraço fraterno com seu predecessor imediato, Sua Santidade Basélios Marthoma Paulose II, de abençoada memória, que tive a alegria de receber no início do meu pontificado, em setembro de 2013”, sublinhou Francisco.

### Caminhar juntos

A seguir, o santo padre saudou “fraternalmente os bispos, o clero e os fiéis da Igreja Ortodoxa Siro-Malankar, cujas origens remontam à pregação do apóstolo Tomé”. Francisco deseja que as duas igrejas celebrem juntas o aniversário de 1700 anos do primeiro concílio ecumênico, o de Niceia. “Agora, as divisões que ocorreram ao longo da história entre nós, cristãos, são lacerações dolorosas infligidas ao corpo de Cristo, que é a Igreja. Ainda sentimos as consequências. Mas, se juntos colocarmos a mão nessas feridas, se juntos, como o apóstolo, proclamarmos que Jesus é nosso Senhor e nosso Deus, se com um coração humilde nos confiarmos à sua graça, poderemos apressar o tão esperado dia em que, com sua ajuda, celebraremos o mistério pascal no mesmo altar. E que chegue logo!”

“Enquanto isso, querido irmão, caminhemos juntos na oração que nos purifica, na caridade que nos une, no diálogo que nos aproxima”, disse ainda o papa. “Penso de modo especial na criação da Comissão Mista Internacional para o diálogo entre nossas igrejas, que levou a um acordo cristológico histórico, publicado no Pentecostes de 1990”, destacou o papa. Segundo Francisco, “trata-se de uma declaração conjunta, que afirma que o conteúdo de nossa fé no mistério do verbo encarnado é o mesmo, embora tenham surgido diferenças de terminologia e ênfase na formulação ao longo da história. De forma admirável, o documento declara que ‘essas diferenças são tais que podem coexistir na mesma comunhão e, portanto, não nos dividem nem devem nos dividir, especialmente quando anunciamos Cristo aos nossos irmãos e irmãs em todo o mundo em termos que podem ser facilmente compreendidos’.

Anunciar Cristo une, não divide; o anúncio comum de nosso Senhor evangeliza o próprio caminho ecumênico”.

### Ecumenismo pastoral

Segundo o papa, “a partir da declaração conjunta, a comissão reuniu-se quase todos os anos em Kerala e deu frutos, promovendo a colaboração pastoral para o bem espiritual do povo de Deus”. Francisco recordou “com gratidão os acordos de 2010 sobre o uso comum de locais de culto e cemitérios, bem como sobre a possibilidade de os fiéis receberem a unção dos enfermos, em determinadas circunstâncias, numa ou noutra Igreja. Este é um bom acordo”. “Louvo a Deus pelo trabalho desta comissão, focado sobretudo na vida pastoral, porque o ecumenismo pastoral é o caminho natural para a plena unidade. Como tive oportunidade de dizer à Comissão Mista Internacional para o diálogo teológico entre a Igreja católica e as igrejas ortodoxas orientais, da qual a sua Igreja também é membro desde o início, desde 2003, ‘o ecumenismo tem sempre um caráter pastoral’. De fato, é avançando fraternalmente no anúncio do Evangelho e no cuidado concreto dos fiéis que nos reconhecemos como um único rebanho de Cristo a caminho. Nesse sentido, espero que os acordos pastorais entre nossas igrejas, que compartilham a mesma herança apostólica, possam se estender e aumentar, especialmente em contextos em que os fiéis se encontram em situação de minoria ou diáspora. Alegro-me também pela sua participação ativa nas visitas de estudo para jovens sacerdotes e monges, organizadas anualmente pelo Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos, visitas que contribuem para uma melhor compreensão entre os pastores. E isso é muito importante”.

### Sinodalidade e ecumenismo

“Em nosso caminho para a unidade plena, outro caminho importante é o da sinodalidade”, disse o papa, manifestando satisfação com o fato de que um delegado fraterno da Igreja Ortodoxa Siro-Malankar participará da próxima sessão da Assembleia do Sínodo dos Bispos. “Estou convencido de que podemos aprender muito com a experiência sinodal secular de sua Igreja. De certa forma, o movimento ecumênico está contribuindo para o processo sinodal em andamento da Igreja católica, e espero que o processo sinodal possa, por sua vez, contribuir ao movimento ecumênico. Sinodalidade e ecumenismo são, de fato, dois caminhos que seguem juntos, partilhando o mesmo objetivo, o da comunhão, que significa um melhor testemunho dos cristãos ‘para que o mundo creia’. E não nos esqueçamos – e digo isso aos católicos – que o protagonista do sínodo é o Espírito Santo, não nós”, destacou o papa.

“Que a contemplação comum do Senhor crucificado e ressuscitado favoreça a cura completa das nossas feridas passadas, para que diante dos nossos olhos, além de toda distância e incompreensão, ele se destaque, “nosso Senhor e nosso Deus”, Senhor e Deus, que nos chama a reconhecê-lo e adorá-lo em torno de um único altar eucarístico. Que isso aconteça logo”, concluiu.

Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-09/papa-catholicos-igreja-ortodoxa-siro-malankar-ecumenismo.html>.